



COSTSA/PRAd/Unesp

ADOECIMENTO NO TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO

ILLNESS AT WORK: A CASE STUDY

Fatima Itsue Watanabe Simões¹

Francisco Hashimoto²

¹ Professora Titular da Universidade Paulista
E-mail: fatima.itsue@gmail.com

² Professor Livre-Docente da Unesp/Assis.

Resumo: O exercício de uma atividade profissional proporciona ao ser humano fazer parte da vida em sociedade, como membro de uma cultura. Dessa perspectiva, o trabalho confere a possibilidade de construção de identidade profissional e pessoal. Entretanto, há algumas situações em que o trabalhador adoecce. Apresentar e discutir um relato de caso clínico de afastamento do trabalho por adoecimento a partir do referencial teórico da Psicossociologia e a Psicodinâmica do Trabalho constituiu-se como objetivo central deste estudo.

Palavras-chave: Trabalho; Trabalhador; Adoecimento.

Abstract: The exercise of a professional activity provides the human beings the possibility of making part of the life in society, as members of a culture. In this perspective, the work confers the possibility of the construction of the professional and the personal identity. However, there are some situations in which the worker gets sick. Present e discuss a case report of sick leaves due to illness constituted the central objective of this study.

Keywords: Job; Worker; Illness.

1. Introdução

Aspectos relacionados ao processo saúde-doença e trabalho configuram-se como uma reflexão importante na sociedade atual. Para Clot (2006) o trabalho desempenha papel vital e insubstituível no desenvolvimento do homem, contribuindo inclusive para a formação do patrimônio histórico-cultural do ser humano.

Trabalha-se não somente para vender a sua mão de obra ou força de trabalho em troca de um salário. O trabalho não representa somente um meio através do qual é possível garantir-se a sobrevivência. O exercício de uma atividade profissional proporciona ao ser humano fazer parte da vida em sociedade, como membro de uma cultura pautada pela produtividade. Dessa perspectiva, o trabalho favorece o desenvolvimento de atributos e habilidades que qualificam e contribuem para a constituição de sua subjetividade e de sua identidade (JACQUES, 1996). Além de satisfazer as necessidades básicas do homem, o trabalho contribui para o estabelecimento e desenvolvimento das relações sociais, afetivas e de produção (MARX e ANGELS, 2007; BRAVERMAN, 1980; LEONTIEV, 2004), sendo de fundamental importância para a saúde física e mental do homem (JACQUES e AMAZARRAY, 2006).

Dejours (2003, p. 25) observa que o homem, ao entrar em contato com o ambiente de trabalho se depara com as condições de trabalho e com a organização do trabalho. As condições de trabalho envolvem tudo o que está relacionado ao ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc), ao ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças, etc), ao ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos, etc.), às condições

de higiene e segurança, e às características antropométricas do posto de trabalho.

A organização do trabalho, por sua vez, compreende a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (na medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade.

De acordo com Silva (2010), ocorre na organização do trabalho uma divisão dos homens, em hierarquias, para que se cumpra, na prática, o que foi decidido teoricamente. Decorrerá dessa divisão as relações que os trabalhadores estabelecerão entre si, tanto no tocante ao conteúdo das tarefas quanto às relações humanas. Por isso, as relações estabelecidas no âmbito profissional afetam não somente o corpo do trabalhador, mas, também, a sua afetividade.

Segundo Dejours (1993), as pressões do trabalho nas organizações interferem no equilíbrio psíquico e na saúde mental dos trabalhadores, ou seja, enquanto as organizações atuam no psíquico, as condições de trabalho podem prejudicar a saúde do corpo:

(...) o trabalhador, incomodado pela sua atividade psíquica espontânea paralisa-a. Para tanto a maioria dos trabalhadores acelera o ritmo de trabalho e se engaja freneticamente aceleração, de maneira a ocupar todo o seu campo de consciência com as pressões sensomotoras (DEJOURS, 1993, p.162).

A Psicodinâmica do Trabalho, ao considerar o aspecto subjetivo e psicodinâmico das relações que se estabelecem entre o homem e o trabalho, tem por objetivo primordial esclarecer o quê, na situação de trabalho, atinge a saúde mental dos trabalhadores. Desse modo, é a organização do trabalho, isto é, a divisão de tarefas, a responsável pelo "sofrimento mental do trabalhador" (DEJOURS, 1986, p. 7).

De acordo com o autor, é da organização do trabalho que advêm as pressões que atingem o equilíbrio psíquico do trabalhador.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1984) define que há fatores psicossociais que interferem de forma positiva ou negativa sobre o desempenho laboral e o bem estar do trabalhador.

A interação entre os aspectos relacionados ao ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais, as necessidades e competências do trabalhador, associados aos aspectos provenientes da vida cultural e pessoal, podem interferir na saúde do trabalhador favorecendo vivências de desconforto, sofrimento, adoecimento e até mesmo gerando a incapacidade para o trabalho.

Sobre o papel contemporâneo que o trabalho desempenha na vida do ser humano, Martins (2001) destaca:

[...] ele estrutura o tempo, enquanto consome cada vez mais intensamente. Provê a rede central de relações, da mesma forma que retira o indivíduo do convívio de seus familiares e de outros círculos sociais. Dá significado e um papel a desempenhar, enquanto reduz a dignidade humana a sua utilidade nas engrenagens econômicas. É um direito disputado por muitos, ao mesmo tempo que é um dever indesejado por outros tantos (MARTINS, 2001, p. 22).

O trabalho pode ser considerado fonte de prazer e crescimento, acenando para a possibilidade de se ter uma ocupação laboral, obter ascensão social e estabelecer trocas e experiências psicossociais, mas também pode ser fonte geradora de sofrimento e adoecimento. Nesse sentido, Dejours (2004a, p. 138) afirma que o trabalho jamais é neutro, uma vez que ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para a sua desestabilização e empurra o sujeito para a sua descompensação.

Dejours (1986) assinala que a organização do trabalho é quem faz o interjogo entre o indivíduo e o trabalho e que ela pode favorecer ou não o estabelecimento de um encontro satisfatório tanto para a empresa (gerando alta produtividade) quanto para o funcionário (proporcionando reconhecimento social). A expressão de uma doença dependerá das relações que o indivíduo estabelece com o meio social, econômico e ideológico no qual está inserido e, também, da estrutura de personalidade do trabalhador, do padrão de relacionamento que estabelece com o mundo e das representações simbólicas que faz dessas relações. A configuração dessas doenças dependerá, ainda, da maneira como o sujeito utiliza suas vias de descarga (Silva, 2010).

O indivíduo, quando submetido às excitações externas (psicossensoriais) ou internas (instintivas ou pulsionais), utiliza-se de três vias de descarga de sua energia: a via psíquica, a motora e a visceral (DEJOURS; ABDOUCHELI e JAYET, 1994).

A descarga de tensão pela via psíquica pode ser dar por meio da produção de fantasmas ou representações mentais, uma vez que a produção mesma de fantasmas é consumidora de energia pulsional. Quando o sujeito não consegue extravasar a tensão por meio da via fantasmática, o indivíduo utiliza-se de sua musculatura, atuando no plano comportamental mediante crise de raiva motora e atuação agressiva e violenta. A via visceral de descarga caracteriza-se pela utilização do sistema nervoso autônomo, culminando num processo de desordenamento das funções somáticas (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p. 23).

As descargas de energia tendem a diminuir o nível de tensão e excitação interna e externa, favorecendo a manutenção da saúde mental e a integridade física do trabalhador.

Autores como Dejours; Abdoucheli e Jayet (1994) propõem que durante o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo há a formação de hierarquias de tipos de descargas de energia que possibilitariam à via motora cobrir progressivamente e suplantam a via visceral e, no topo do edifício, a via psíquica, aquela dos fantasmas e dos sonhos. Além de que o uso de determinado tipo de descarga, segundo estes autores, está relacionado ao grau de desenvolvimento da personalidade, da flexibilidade e do manejo dos mecanismos de defesa utilizados pelo indivíduo.

É sabido que há alguns tipos de atividades que favorecem a manutenção do equilíbrio psíquico do trabalhador e outras que, ao não favorecerem a descarga de energia, contribuem para o acúmulo de excitação psíquica, culminando na vivência de um estado de tensão psíquica, favorecendo o adoecimento do trabalhador. Podemos pensar que é nesse entrelaçamento que se estabelece a relação entre aparelho psíquico e o trabalho.

A discussão referente ao tipo de ação – predisponente ou desencadeante – assumida pelas condições ambientais e organizacionais do trabalho, tem permanecido acesa, como já vimos. Para os trabalhadores do setor siderúrgico que haviam estado por longos anos expostos a condições de trabalho extremamente penosas, a análise de seus históricos de vida, trabalho e saúde conduziu-nos, muitas vezes, a perceber que o acúmulo dessas experiências se constitui em verdade um *processo preparatório e predisponente* à instalação das manifestações psicopatológicas. E que este processo gradualmente foi minando a vitalidade, as resistências da personalidade e, muitas vezes, também a esperança. Foi assim que concluímos, para os casos estudados, que pôde ser verificado que as condições laborais tanto tiveram ações predisponentes, como exerceram efeitos desencadeantes de quadros psicopatológicos diversos. (SELLIGMAN-SILVA, 1986, p. 86. grifos da autora)

O desempenho de uma atividade laborativa que propicie ao trabalhador estabelecer uma relação significativa com o trabalho, associada a maior flexibilidade do processo de trabalho, são fatores que podem colaborar para a diminuição dos casos de adoecimento no trabalho. Contudo, muitas das vezes em que o trabalhador adoecer há tendência a responsabilizá-lo pelo adoecimento sem considerar as relações de trabalho e o próprio ambiente de trabalho.

Seja em relação à prática médica ou à pesquisa a respeito da saúde, uma primeira observação se impõe de imediato. A reticência maciça em se falar da doença e do sofrimento. Quando se está doente, tenta-se esconder o fato dos outros, mas também da família e dos vizinhos. É somente após longas voltas que se chega, às vezes, a atingir a vivência da doença, que se confirma como vergonhosa: bastou uma doença ser evocada para que em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se desculpar. Não se trata de culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim um

sentimento coletivo de vergonha [...] somente em última instância, as doenças são assumidas pelo indivíduo, como um último grito de socorro que ele dá para se safar de situações constrangedoras e dolorosas vivenciadas no ambiente de trabalho (DEJOURS, 2003, p. 29-30).

Mesmo que resultados de pesquisas constatem que a saúde do homem pode ser afetada por aspectos concernentes ao trabalho, ainda é recorrente a ideia de que a doença poderia esconder preguiça, fraqueza, má vontade, falta de interesse, ou seja, tende-se a buscar as causas do adoecimento tendem a serem buscadas sempre no trabalhador, em sua história pessoal, familiar ou laborativa pregressa, sem que sejam levados em consideração aspectos da interação do sujeito com o trabalho e a sociedade, condições de vida e o contexto político, econômico e social no qual está inserido.

Pagès et al.(1993) esclarecem que, além dos aspectos históricos, sociais e ideológicos, os trabalhadores vinculam-se às organizações de trabalho também pelos laços psicológicos.

De sua parte, o indivíduo submetendo-se totalmente (corpo e alma como diríamos em outros tempos) trabalha para a organização como se esta fosse dele próprio. Ele acredita que a organização faz parte dele, da mesma forma que ele faz parte da organização, o que o liga ao futuro dela. O indivíduo se encontra, portanto, sob a dominação da organização, ao nível inconsciente, e essa dominação será cada vez mais forte na medida em que há a dissolução da instância crítica do indivíduo (PAGÈS et al. 1993, p. 158).

Diante da competição exacerbada por um trabalho e da necessidade de manutenção do emprego, o trabalhador, com receio do desemprego, submete-se a sobrecarga imensa de trabalho, muitas vezes ignorando os sinais de cansaço e dor de seu corpo, sacrificando-o. Assim, o trabalhador “veste a camisa da empresa”, aderindo “cegamente” às exigências de controle, aderindo à excelência na qualidade da linha de produção, mas arriscando sua saúde além, de desempenhar uma atividade laboral desprovida de significado e sentido.

Já se disse anteriormente que a organização do trabalho desempenha papel vital no equilíbrio e no desenvolvimento do ser humano. Sabe-se também que o sofrimento é inerente à condição humana e não poderia ser diferente no mundo do trabalho. Dejourns (2004b) assevera que toda organização do trabalho é de antemão desestabilizadora da saúde (DEJOURS, 2004b). Segundo ele, o que poderia diferenciar uma organização de outra seria o grau de liberdade, domínio e de autonomia que é possibilitado ao trabalhador desempenhar e aperfeiçoar ou mesmo mudar o contexto de seu trabalho e se colocar integralmente naquilo que faz. Quando o trabalhador não tem autonomia e liberdade sobre o ambiente e o seu processo de trabalho, há mal-estar e

enfraquecimento naqueles que trabalham (GUIMARAES, 2006) tanto de suas energias vitais, quanto das físicas e psíquicas.

Dessa forma, o trabalho pode ser considerado como “danoso”, “penoso” e propiciar o aparecimento de doenças psicossomáticas ou físicas. O adoecimento provoca ruptura nos projetos de vida, nos sonhos e interfere sobremaneira na estima do trabalhador, na sua forma de conceber o mundo e a si próprio, no modo pelo qual os outros o veem e evidencia também de certa forma a falência de seus recursos internos. Por outro lado, a organização do trabalho e os modos de gestão a que está submetido o trabalhador dominam, manipulam os medos, as inseguranças e o sofrimento do indivíduo, acentuando ainda mais a tensão, os conflitos e o sofrimento patológico.

Após verificarmos a expressão dos vários impactos na saúde do trabalhador advindos do mundo do trabalho, apresentaremos um relato de caso de adoecimento no trabalho em um profissional de empresa privada numa cidade do interior do Estado de São Paulo.

2. Relato de Caso

Ed Carlos (pseudônimo), 36 anos, divorciado, fez curso técnico de enfermagem com especialização em enfermagem do trabalho. Estava na empresa havia dez anos, quando foi demitido. Durante o exercício de sua função, caiu e fraturou a coluna com luxações em várias partes do corpo. Desenvolveu também alteração da pele conhecida por psoríase.

Ed Carlos relata que sempre foi muito saudável, praticava esportes, nadava com frequência e aos trinta e cinco anos de idade entrou para a empresa, onde veio a adoecer. Exercia a função de auxiliar técnico de enfermagem e trabalhava sozinho no laboratório. Neste setor desempenhava funções de auxiliar de enfermagem, que consistiam em atender os acidentes de trabalho e realizar curativos, fornecer e administrar aos funcionários as medicações prescritas pelo médico. Não dava tempo para fazer as refeições e também não tinha ninguém para revezar nos turnos.

Certo dia, passaram cera no piso e ele escorregou, caiu e feriu o ombro; como tinha muito serviço, “deixou a coisa correr”. Dois meses depois, caiu novamente e, a partir de então, começou a ficar muito nervoso no trabalho, porque as dores o incomodavam e dificultavam a execução de suas funções. Quando ele pôde ir ao médico e fazer alguns exames para investigar as lesões, foi diagnosticado que havia uma cifose crônica, escoliose, lordose e a perda de cinquenta por cento do movimento do braço; o ombro direito caiu, o que o impossibilita de mexê-

lo; perdeu cinquenta por cento dos movimentos do pescoço, o que o impede de virar para os lados.

Mesmo o ortopedista tendo indicado repouso, uso de aparelho e colete, ele ainda continuou trabalhando durante dois meses, pois era um tipo de gesso que usava no pescoço para imobilizar e manter a sustentação do corpo. Acabou por usar este aparelho no período de setembro de 2000 até o final do ano de 2007.

No final do ano de 2000, por não ter mais condições de trabalhar, decidiu tirar licença médica para tratamento de saúde.

Na verdade, Ed Carlos conta que fez a comunicação de acidente de trabalho quando caiu e se machucou, mas a “empresa” rasgou os papéis e não deixou que desse entrada no processo. O médico do trabalho relatou o acontecido e solicitou cama para dormir e contratação de funcionários, mas foi tudo negado pela empresa.

Relata que, quando se afastou para tratamento, começou a ter crises nervosas, tomava medicamentos para dormir e não dormia, tinha problemas na coluna, pressão alta, psoríase e, para ajudar, depressão.

Com todos esses problemas físicos e psicológicos, teve de ficar imobilizado numa cama e não podia mais morar sozinho, pois dependia totalmente dos cuidados de outras pessoas. Como se isso não bastasse, passava por dificuldades financeiras. Estava sem trabalhar, os tratamentos e os medicamentos eram muito caros; a solução encontrada foi a de vender a sua casa e voltar a morar com os pais para que tivesse como custear os tratamentos e ter alguém que pudesse cuidar dele.

Relata que, com a doença, a sua vida mudou completamente, porque não poderá nunca mais jogar bola, fazer natação, sair para dançar, frequentar uma academia, porque os exercícios aumentam a dor e a musculatura já atrofiou, além de que falta fôlego e a tendência é a de ter de voltar a usar o colete, porque ele garante uma posição mais confortável e com menos dor. O seu corpo não é mais o mesmo: “nunca mais poderei contar com ele”; acrescenta: “tem que viver para poupar o corpo, senão, ficarei entrevado numa cama para o resto dos meus dias”.

Ed Carlos diz que a opinião da empresa parece ser muito clara; desde o início, nunca aceitou ajudá-lo ou mesmo concordou com o fato de que poderia haver uma parcela de responsabilidade dela sobre o seu adoecimento. Quando caiu e fez a comunicação de acidente de trabalho, não aceitaram e rasgaram-na dentro da própria empresa; quando teve a psoríase, que é uma doença contraída durante o exercício profissional, disseram que ele estava mentindo e que aquilo era uma alergia qualquer.

A princípio, o seu quadro foi diagnosticado como doença do trabalho e o laudo final apontava para uma invalidez total. Eles demitiram o médico da empresa que assinou o laudo.

Contrataram outro médico que, por sua vez, não aceitou o laudo anterior, alegando que o que ele tinha não era nada grave, e assim possibilitou a sua demissão, mesmo estando doente. A empresa resolveu pagar uma perícia e foi confirmado o primeiro laudo de invalidez total.

Agora, o caso está na justiça, os advogados tentando provar o óbvio: “eu tenho três laudos atestando a mesma coisa e, além do mais, querem que a empresa pague uma indenização pelo tempo de serviço que eu ainda teria se não tivesse adoecido”. A empresa continua alegando que o funcionário está mentindo, mesmo após o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) ter concedido o afastamento.

Ao descrever os processos de trabalho na empresa, ele relaciona o seu adoecimento a alguns fatores da empresa como a desvalorização do funcionário e a competitividade entre eles, a sobrecarga de serviço e o medo do desemprego, que foram fatores que contribuíram para a falta de iniciativa para reagir à exploração que sofreu no trabalho.

Corroborando com esta ideia, Enriquez (2006) destaca que:

[...] os indivíduos estão sempre em situação de prova, em estado de estresse, sentem queimaduras internas, tomam excitantes ou tranquilizantes para dar conta da situação, para ter bom desempenho, para mostrar sua “excelência” (entramos numa civilização de *dopping*); e, quando esses indivíduos não são mais úteis, eles são *descartados* apesar de todos os esforços despendidos. (ENRIQUEZ, 2006, p. 6).

Ed Carlos comenta que a sua vida tem sido uma luta para superação de si mesmo e da doença e que foi a psicologia que o ajudou neste processo. Relata que foi encaminhado para a terapia depois de ter puxado o gatilho de uma arma de fogo contra a sua cabeça; naquele dia, a bala não saiu. Declara que foi muita sorte a arma não ter disparado e que ficou muito preocupado com a sua conduta. A partir desse episódio, decidiu que tinha de “parar de chorar pelos cantos”, tomar uma atitude e reagir.

Ele atribui à psicologia a sua mudança de mentalidade e a vontade que tem de viver e ainda realizar alguns sonhos. Relata que, neste período, a maioria de seus amigos se afastou, ele acha que as pessoas têm medo de que ele peça alguma ajuda ou dinheiro. Acrescenta que ele e o médico do trabalho lutaram muito por isso e que este é um terreno árido, com “muitos peixes grandes, onde o funcionário não tem defesa”.

3. Discussão

O entrevistado se queixava da sobrecarga de trabalho, da falta de humanização no ambiente de trabalho e atribuíra o agravamento de seu quadro de saúde às más condições e à insalubridade do ambiente onde se desenvolviam as atividades profissionais.

Ele relatou que no ambiente de trabalho era necessário realizar as atividades profissionais num ritmo intenso e muitas vezes superior à sua capacidade produtiva; havia a sobrecarga de trabalho para atender as necessidades de produção para corresponder às expectativas do mercado externo. Este ritmo acelerado de trabalho provocava cansaço excessivo, desgaste físico e emocional e, às vezes, devido ao excesso de trabalho, não era possível o uso adequado de equipamentos de segurança; outras vezes, na sua maioria dos casos, esses itens não eram disponibilizados pela empresa. Esse processo de produção alucinado introduziu outro elemento: a competitividade entre os trabalhadores.

Algumas vezes, devido à sobrecarga, o trabalho se torna “robotizado” e alienado, não havendo mais espaço para a criatividade. O trabalhador perde aos poucos a sua autenticidade e a capacidade de reflexão, não consegue administrar as relações interpessoais conflituosas e nem estabelecer laços de amizade com os parceiros de trabalho.

Entretanto, as questões relacionadas ao ambiente de trabalho, tais como desgaste mental (pressão psicológica), desgaste físico (ergonômico), equipamentos técnicos e de segurança, horários e ritmo de trabalho, relacionamento interpessoal com os colegas e a chefia, exercem papel determinante na ocorrência da doença relacionada ao trabalho. De forma geral, as doenças podem ter causas e origens multifatoriais, mas elas podem ser agravadas devido às relações que o trabalhador estabelece com o seu trabalho. Pela compreensão que pudemos ter em relação ao ambiente de trabalho deste sujeito, poderíamos apontar que não é apenas o trabalhador que adocece, mas, ao que parece, a partir desse caso específico pode-se supor que o mundo do trabalho dentro da configuração que ora se nos apresentou também está doente e este é um problema que afeta o mundo inteiro. O que é digno de espanto e indignação é que a responsabilidade e culpa pelo adoecimento é transferida totalmente para o trabalhador, enquanto o ambiente de trabalho e as organizações permanecem isentas de responsabilidade.

Alguns elementos podem nos auxiliar na construção dessa hipótese e lançar uma luz a mais para as reflexões a cerca das relações entre mundo mental e trabalho. No caso estudado, a empresa não possui programa de assistência e reabilitação aos trabalhadores vítimas de

doença relacionada ao trabalho. Esta empresa rasgou a notificação de acidente de trabalho do funcionário, elaborada pelo médico. Neste caso, o médico, ao elaborar um laudo que favorecia os direitos do trabalhador, foi demitido.

Este entrevistado foi demitido mesmo tendo o seu afastamento do trabalho autorizado pelo INSS e comprovada a incapacidade para o trabalho. Ele aguarda decisão judicial de um processo em que solicita indenização pelo tempo de vida produtiva que teria caso não tivesse adoecido.

Com a evolução tecnológica, muitas transformações foram introduzidas nos processos de trabalho como, por exemplo, aumento da competitividade, necessidade de assumir várias funções e turnos diferentes para não ser superado pela máquina, necessidade de adaptação aos novos maquinários, entre outros. Essa pressão no trabalho gera aumento de ansiedade, da tensão e do sentimento de insegurança; esses fatores contribuem para o sofrimento psíquico do trabalhador. Se por um lado o avanço tecnológico permite um aumento na expectativa de vida e em sua qualidade, por outro lado esta acelerada busca pelo desenvolvimento tecnológico e científico aumenta as possibilidades de doenças, sofrimento e morte que são mobilizados pela tendência de uma vida fragmentada que a sociedade contemporânea nos impõe.

Dessa perspectiva, o trabalho pode ser considerado fonte de vida capaz de conferir identidade ao ser humano no plano pessoal e social, mas abre também a possibilidade de compreender o trabalho como poderosa fonte de adoecimento psicossomático e social, uma vez que o desgaste, o estresse e as condições ambientais do trabalho podem romper o equilíbrio psicossomático do trabalhador.

Nos moldes como estão configuradas as relações entre o trabalhador e o ambiente de trabalho, é possível cogitar que este modelo de produção não favorece a satisfação e o equilíbrio psicossomático do trabalhador, pois a forma pela qual ele recorre ao exercício profissional e os modos de produção exigidos pela organização do trabalho para manter o seu emprego requerem que este trabalhador se posicione de forma a não se envolver afetivamente com seu trabalho. O ritmo acelerado de produção da organização gera a sobrecarga de serviço e, como consequência, o ambiente do trabalho exerce sobre o funcionário uma sobrecarga excessiva. Com isso, ele se sente desestimulado a participar da gestão de onde trabalha e, assim, perde a capacidade de perceber e integrar os seus sentimentos de raiva, angústia, impotência etc. Sem que haja a percepção de seus processos psíquicos, o trabalhador dificilmente conseguirá se posicionar frente a seus problemas e lutar contra o sofrimento advindo do trabalho e da organização.

As relações que se estabelecem entre o sofrimento psíquico e os aspectos relacionados ao trabalho caracterizam-se como um desafio a ser enfrentado conjuntamente. Para tanto é necessária uma prática que não tenha meramente cunho normativo ou reducionista, mas que seja capaz de integrar aspectos da saúde e da doença dos trabalhadores com o objetivo de ressignificar o sofrimento vivido no mundo do trabalho, resgatar o sentido do trabalho para o trabalhador, para a organização e para a sociedade de forma a melhorar a qualidade de vida.

4. Referências

BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006.

DEJOURS, C. Entre sofrimento e reapropriação: o sentido do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Paralelo 15: Fiocruz, 2004b. p. 303-316.

_____. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução Ana Izabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5ª ed. ampl. São Paulo: Cortez-Oboré, 2003.

_____. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 14, n. 54, p. 7-11, 1986.

_____. O trabalho como enigma. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo 15: Fiocruz, 2004a. p. 127-139.

_____. *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações: o indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1993. v. 1, p. 149-173.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Tradução M. I. Stocco Betiol. São Paulo: Atlas, 1994. p. 119-145.

ENRIQUEZ, E. O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. *RAE – Eletrônica*, v. 5, n. 1, jan./jun. 2006.

GUIMARÃES, M. C. Controle no trabalho: uma reflexão sobre antigas e novas formas de controle e suas consequências sobre os trabalhadores. *Revista de Gestão da USP*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2006.

JACQUES, M. G. C. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In: TAMAYO, A.; BORGES, J. E. A.; CODO, W. (Orgs.). *Trabalho, organizações e cultura*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 41- 47.

JACQUES, M. G. C.; AMAZARRAY, M. R. Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência. *Boletim da Saúde*, v. 20, n. 1, p. 93-103, 2006.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTINS, H. T. *Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual & resultados de pesquisas*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAGÈS, M. et al. *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas, 1993.

SELIGMANN-SILVA, E. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: ANGERAMI, V. A. et al. (Orgs.). *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Traço, 1986. p. 54-132.

SILVA, M. A. S. M. A produção de saúde ou adoecimento no ambiente de trabalho contemporâneo. In: HASHIMOTO, F. (Org). *Psicologia e trabalho: desafios e perspectivas*. Assis: UNESP-Universidade Estadual Paulista, 2010.

Artigo apresentado em 31/07/2013

Aprovado em 05/09/2013

Versão final apresentada em 20/09/2013